

## 1. Tempo

# *As lições de um passado de violência*

Márcia Maria Menendes Motta\*

TODOROV, Tzvetan. *Em face do extremo*. Tradução de Egon de Oliveira Rangel e Enid Abreu Dobránszky. Campinas, Papyrus, 1995 (Coleção Travessia do Século), 350 pp.

Conhecido nos meios acadêmicos do Brasil principalmente por *A conquista da América*, Tzvetan Todorov apresenta mais um de seus instigantes ensaios: *Em face do extremo*. Publicado na França em 1994, o livro foi recentemente traduzido para o português pela Editora Papyrus, de Campinas.

Após sua viagem a Varsóvia - onde visitara, no mesmo dia, o túmulo do padre Popieluzco, simpatizante do Solidariedade assassinado pelo serviço secreto e o cemitério judeu -, Todorov se pergunta o porquê da presença viva do passado no primeiro caso, em contraste com a “petrificação da lembrança” do cemitério judeu. A partir daí, inicia uma reflexão sobre os aspectos morais mais claramente perceptíveis em situações extremas de violência, como as vividas nos campos de concentração.

É possível pensar na ocorrência de atos virtuosos nos campos ou a extrema provação vivida pelos detentos os havia transformado em “bestas humanas”, incapazes do exercício da compaixão? Para Todorov é possível encontrar, a partir dos testemunhos dos sobreviventes, numerosos exemplos que nos permitem pensar, não numa desapareção de todo e qualquer sentimento moral, mas na sua recriação em circunstâncias nunca antes concebidas pelos indivíduos.

O autor define dois tipos de virtudes: as heróicas e as cotidianas. As primeiras se estabelecem na esfera pública, enquanto as segundas derivam do mundo privado, das relações afetivas, da vida cotidiana e das aspirações morais. Atos de heroísmo, ainda que raros, estiveram presentes na trajetória de Sacha Petcherski, o dirigente da revolta do campo de extermínio de Sobibor. Ou ainda no comportamento de Maximiano Kolbe, padre preso em Auschwitz e posteriormente santificado pela Igreja Católica.

No entanto, são as virtudes cotidianas os melhores exemplos para se avaliar a moral existente nos campos de concentração. Elas se manifestam de inúmeras

---

\* Professora de história contemporânea do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense.

formas. A primeira é a dignidade. De difícil definição, ela pode significar a manutenção do banho diário, a possibilidade de manter a comunicação na língua materna ou ainda a luta pelo direito à livre expressão. A dignidade significaria transformar uma situação de coação em uma situação de liberdade. E neste sentido, o ato do suicídio, quando o detento decide sobre o momento e o meio de sua morte, seria o exercício extremo desta mesma liberdade.

A segunda, a virtude do cuidado, direciona-se sempre para o outro. É o caso da mãe que escolhe morrer com seu filho ou, de forma menos dramática, é o partilhar a comida com alguém. Atitude maternal por excelência, Todorov se interroga se o cuidado é uma atitude particularmente feminina. A última virtude, as atividades do espírito, são múltiplas: o ato de contemplar a natureza, ler, recordar e recitar livros ou trechos de livros anteriormente lidos. Tais ações são experiências estéticas que muito ajudaram os detentos a sobreviver. É preciso, no entanto, estar ciente que tais experiências não são exclusivas dos detentos, pois os músicos de Auschwitz, por exemplo, agradavam tanto aos ouvidos dos presos quanto aos de seus algozes!

Se é importante ressaltar as múltiplas manifestações da virtude, é também importante analisar as razões que explicariam a “situação extrema” vivida nos campos. A idéia recorrente sobre a irrupção do mal nos campos não era resultado do sadismo dos guardas. Também não é possível recorrer à noção de que haveria um instinto primitivo no ser humano, uma fera no interior de cada homem. Tampouco podemos utilizar da idéia do fanatismo ideológico, pois, segundo Todorov, o que predominou nos guardas foi o conformismo e o interesse pelo bem-estar pessoal. Como então compreender a “face do extremo” dos campos de concentração?

A partir dos argumentos desenvolvidos acerca da “banalidade do mal”<sup>1</sup>. Todorov afirma que eles indicam uma direção a ser investigada, pois nos informa que a explicação deva ser procurada na sociedade, e não nos indivíduos que a compõem. É preciso, pois, apontar as principais características do totalitarismo que deram forma à conduta moral dos indivíduos.

A primeira característica é, sem dúvida, o lugar reservado aos inimigos, i.e., o grupo de indivíduos que vive no interior do país totalitário e que se torna alvo da política totalitária de extermínio. A segunda característica é a renúncia à universalidade: “É o Estado, e não mais a humanidade, que detém a medida do bem e do mal; que decide, conseqüentemente, a direção que a sociedade evoluirá”. Por fim, o adjetivo totalitário que significa a aspiração do Estado em controlar a totalidade da vida social de cada indivíduo. Quais seriam as conseqüências deste conjunto? Para Todorov as características do totalitarismo levam os indivíduos a fugirem de qualquer responsabilidade e a restringirem suas ações ao “pensamento instrumental na realização dos meios para atingir um fim determinado pelo Estado.”

No entanto, isso não implica eximir os indivíduos das responsabilidades pela violência praticada nos campos de concentração. É preciso, portanto,

---

<sup>1</sup> O autor refere-se ao livro de Hannah Arendt, *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo, Diagrama & Texto, 1983.

distinguir entre a culpabilidade legal e a responsabilidade moral. Neste sentido, os argumentos utilizados nos processos de defesa em Nuremberg são importantes pistas para compreendermos essa distinção. Além dos argumentos daqueles que negaram o ocorrido, que afirmaram que não sabiam o que estava acontecendo, ou ainda que obedeciam ordens, há um mais difícil de ser questionado: as conseqüências dos campos de concentração encontram paralelos em outros momentos da história, como, por exemplo, os efeitos das bomba de Hiroshima. Tal paralelismo leva Todorov a considerar a participação, ou melhor, a responsabilidade dos membros das famílias dos algozes, da sociedade como um todo, do governo dos países livres. Em outras palavras: se é possível fazer comparações das faces extremas de outros momentos históricos é importante reconhecer, antes de tudo, que os responsáveis pelas conseqüências dos campos de concentração não estão apenas no interior de seus muros. Assim sendo, se o que encontramos em maior ou menor grau é uma indiferença generalizada, há que se considerar a existência dos vícios cotidianos enquanto “traços de conduta que não fazem de seus portadores nem monstros nem feras ou seres de exceção, e que todos nós possuímos também: traços esses que as situações extremas dos campos totalitários trazem à luz, mas que também se manifestam presentemente, em circunstâncias muito mais amenas”.

Um desses vícios é a fragmentação, cuja característica é a incoerência dos atos: um mesmo guarda dispensa cuidados a um prisioneiro e envia outro para a câmara de gás. O vício da despersonalização se direciona para a desumanização das vítimas (despi-os aproximando-os dos animais, dando-lhes um número), mas também se refere a um profundo desprezo ao sentimento humano da piedade. Há ainda o vício do gozo pelo poder, manifesto no poder de decidir o destino e mesmo a vida de outrem. Inversão de nossas virtudes cotidianas, os vícios cotidianos expressam nossa indiferença em relação ao próximo. Assim, a fragmentação, vício característico da sociedade industrial, modelo para o funcionamento da sociedade moderna, encontra sua face mais extrema nas ações dos guardas nos campos de concentração.

Que opções são dadas aos detentos diante da face extrema da violência, fruto dos vícios cotidianos de seus algozes? Para alguns sobressai a resignação, como demonstra a trajetória de ETTY HILLESUM. Para outros, o desejo de responder a violência com a violência. Mas entre estes extremos, abre-se o caminho da resistência e “para o combate animado pelo apelo de justiça”. São os salvadores. Diferentemente dos heróis, não combatem por abstrações, mas por indivíduos. São, em sua maioria, casais como Magda e André Trocmé, que se arriscam a salvar uma família judia desconhecida. Utilizam-se do espaço privado de seu lar para salvar um perseguido, seguindo apenas e tão somente o seu senso de justiça.

Assim, das experiências dos campos de concentração devemos recusar “a tentação de estabelecer uma descontinuidade radical entre ‘eles’ e ‘nós’”. Neste sentido, as atitudes dos antigos detentos é um importante caminho para sabermos o que devemos aprender. A maioria deles passou a lutar pela generalização das informações sobre o ocorrido. Isso significa recobrar a memória do passado, não o passado como monumento, mas sim sua utilização como instrumento para agir sobre o presente. Para Todorov, é preciso recobrar o que chama de memória

exemplar, pois é ela que nos permite compreender situações novas, fazendo do modelo um *exemplum*. Assim, “a memória dos campos deve se tornar um instrumento que informa nossa capacidade de analisar o presente e para isso é preciso reconhecer nossa imagem na caricatura que enviam os campos, por mais deformante que seja tal espelho, por mais doloroso que seja esse reconhecimento”.

Em suas considerações finais, Todorov retoma uma idéia de Bettelheim de que o interesse pelo estudo dos campos de concentração não é devido tanto pelo que são em si, mas fundamentalmente por revelarem a verdade das situações comuns. Invenção do século XX, os campos são a manifestação extrema dos regimes totalitários, que, por sua vez, são a forma extrema da vida política moderna. Para além das diferenças entre o regime nazista e o regime comunista, o totalitarismo se caracterizou por uma nova conduta dos indivíduos em relação a outro. Portadores de uma nova concepção de Estado, os regimes totalitários têm como traço pertinente o terror. Oposto da democracia, ou seu limite extremo, a experiência totalitária pode nos ensinar muito sobre a democracia. Neste sentido, o racismo, a xenofobia e a exclusão de nossos dias não são idênticos aos do passado totalitário, mas nem por isso deixam de ser reveladores da nossa vida moderna. Assim, são algumas lições do passado que se extraem da análise dos campos de concentração.

Decorrência da fragmentação do mundo e da despersonalização das relações humanas, a primeira lição do passado é o crescimento do mal na Europa do século XX. A segunda lição é o seu oposto, a banalidade do bem, que apesar de não ter crescido na mesma proporção, lança-nos luz sobre nossa condição humana. Uma outra lição são os valores sexuais. Os campos nos ensinam que os valores ditos femininos, enquanto virtudes cotidianas, foram subestimados pelo discurso masculino, valorizadores das virtudes heróicas mais relacionadas ao homem. É necessário, portanto, que as virtudes cotidianas ocupem um lugar em nossos dias. Por fim, uma constatação: os campos nos ensinam também que o número de homens justos foi e tem sido raro. Torna-se então necessário reconhecer-nos como indivíduos dispostos a dirigir nossas condutas para um outro e aceitar que este mesmo indivíduo possa ser apenas e tão somente um desconhecido.

O livro de Todorov emociona. Reunindo depoimentos e relatos dos sobreviventes dos campos de concentração, faz-nos olhar o passado como um exemplo do egoísmo humano, de seu desprezo ao sofrimento de outrem. Essas atitudes não somente são frequentes nos dias de hoje, como também representam faces constitutivas do homem moderno. A lição que o livro nos dá é exatamente essa: é preciso sensibilizar o nosso olhar, criar e recriar formas de conduta moral, tornarmos-nos capazes de ser melhores do que realmente somos.

Por essa razão, o livro cria expectativas. Ao reiterar a importância de conhecermos o passado para combatermos males ainda tão presentes, Todorov não nos informa as razões que levaram a ascensão e consolidação dos regimes totalitários. Assim, o leitor mais atento tende a ficar um pouco frustrado. Se as características do totalitarismo são importantes para explicar a conduta moral dos indivíduos, como entendê-las no espaço territorial de sua concretização? Significa perguntar: por que, afinal, os regimes totalitários se consolidaram apenas na

Alemanha e na URSS? Para além da problemática utilização do conceito para duas realidades tão diversas (ainda que, de fato, o terror tenha sido uma característica comum), há que se considerar a dinâmica que explica o apelo nacional, capaz, por exemplo, de dar-nos pistas para compreendermos a aceitação do ocorrido pela população alemã. Mas Todorov não nos responde. Prefere apontar o que já é por demais sabido: o caráter nacional alemão cultivava a intimidade e, ao mesmo tempo, é indiferente aos atos e comportamentos em público. Mas que caráter nacional é esse? Como se formou? Quais são as razões mais profundas da formação da consciência nacional alemã em contraste com outras nações?

Ao ler *Em face do extremo*, o leitor mais atento terá dificuldades em estabelecer uma imprescindível relação entre as condutas morais dos indivíduos e sua realidade mais ampla. Refiro-me aqui ao nacionalismo, amálgama entre indivíduos capaz de justificar ações e atitudes socialmente aceitas, mas individualmente condenadas, como a morte de milhares de pessoas nos campos de concentração. Poderia, portanto, partir da noção do nacionalismo como um princípio defensor da estreita correspondência entre unidade nacional e unidade política, sua violação correspondendo a um sentimento de cólera. Como mostra Gellner, reconheceria também que este sentimento corresponde a um processo histórico bastante complexo não redutível a uma única explicação<sup>2</sup>. Neste sentido, deveria procurar entender os dilemas da “comunidade imaginada”, ou seja, a capacidade da nação de se ver como um conjunto de indivíduos partilhando os mesmos interesses, as mesmas ambições, ainda que cada um jamais possa conhecer a maioria de seus compatriotas. Ao se considerar como integrante de uma comunidade, o indivíduo concebe a nação como um companheirismo profundo<sup>3</sup>. Para compreender esta dinâmica, o leitor teria também que se valer dos argumentos de Eric Hobsbawm acerca do surgimento e consolidação da invenção de tradições patrocinadas pelo Estado, como forma de criar sua própria legitimidade e fortalecer a lealdade e cooperação dos cidadãos<sup>4</sup>.

No caso do nazismo, resta ainda uma importante questão. Para encontrar respostas às perguntas suscitadas pela obra de Todorov, o leitor deveria também estudar a crise da sociedade liberal e a trajetória da República de Weimar e sua frágil democracia<sup>5</sup>. Teria, portanto, que analisar com cuidado os elementos

---

<sup>2</sup> Para uma análise da trajetória do nacionalismo com seus múltiplos desdobramentos, ver Ernest Gellner, *Nação e Nacionalismo*. Lisboa, Gradiva, 1993.

<sup>3</sup> Ver a esse respeito, Benedict Anderson, *Nação e consciência nacional*. São Paulo, Ática, 1989.

<sup>4</sup> Ver, a esse respeito, Eric Hobsbawm e Terence Ranger (org.), *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

<sup>5</sup> A bibliografia disponível sobre o tema é bastante extensa. Ver, entre outros títulos, Hagen Schulze, *E'tat et Nation dans L'Histoire de L'Europe*. Paris, Édition du Seuil, 1996, e Josep Fontana, *L'Europe en Procès*. Paris, Éditions du Seuil, 1995.

formadores da sociedade nazista e sua relação com as crises sócio-econômicas originadas no período anterior.

Em suma, se o livro de Todorov não responde a importantes questões suscitadas pelo seu trabalho, isso por si só já é um mérito. Por todas as perguntas que nos fazemos ao lê-lo e pela insatisfação que ele nos provoca, *Em face do extremo* é de leitura obrigatória.

*[Recebido para publicação em maio de 1996]*